

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**UM ESTUDO SOBRE OS JOVENS QUE NÃO  
ESTUDAM E NÃO TRABALHAM NO RIO DE  
JANEIRO (2004-2014)**

JULIA SOIHET MARTINS

matrícula nº: 111013203

ORIENTADORA: Prof<sup>a</sup>. Valéria Lúcia Pero

JANEIRO DE 2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE ECONOMIA  
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**UM ESTUDO SOBRE OS JOVENS QUE NÃO  
ESTUDAM E NÃO TRABALHAM NO RIO DE  
JANEIRO (2004-2014)**

---

JULIA SOIHET MARTINS

matrícula nº: 111013203

ORIENTADORA: Prof<sup>ª</sup>. Valéria Lúcia Pero

JANEIRO DE 2016

*As opiniões expressas neste trabalho são de exclusiva responsabilidade do(a) autor(a)*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a minha família, em especial minha mãe Elena e avó Rachel, por serem grandes exemplos de honestidade, força e dedicação. Não há palavras suficientes que demonstrem toda minha gratidão.

A minha orientadora Valéria Pero por todo apoio e ajuda dados durante o processo de elaboração deste trabalho

A todos os professores do curso, que foram tão importantes em minha vida acadêmica. E aos os amigos que estiveram ao meu lado e me apoiaram ao longo da faculdade.

## **RESUMO**

Este trabalho analisa de que forma o perfil dos jovens que não estudam e não trabalham evoluiu no Brasil, e mais especificamente no Rio de Janeiro (RJ) no período entre 2004 e 2014, destacando suas principais características individuais e familiares (escolaridade, sexo, maternidade, estrato de renda, etc.) O estudo é feito a partir da apresentação da literatura já existente sobre o tema e por meio da análise de dados. Utiliza-se a base de dados da Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicilio entre os anos de 2004 a 2014. Restringiu-se a amostra para o Estado do Rio de Janeiro e indivíduos entre 18 e 24 anos, para obtenção de resultados mais consistentes. Os resultados mostram que o contingente de jovens que não estão na escola e não participam do mercado de trabalho cresceu entre homens e mulheres sem filho, enquanto decresceu entre as mães. Observa-se também que a despeito do avanço em anos de escolaridade, houve um aumento no número de jovens mais escolarizados que não estudam e não trabalham, principalmente aqueles com Ensino Médio Completo. Por fim, percebe-se também que a maior proporção dos indivíduos fora da escola e do mercado de trabalho concentra-se nos domicílios que estão entre os 40% mais pobres do estado do RJ.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 2.1: População Residente do Rio de Janeiro (em milhões).....	20
Tabela 2.2: Evolução da População Jovem) por ocupação .....	21
Tabela 2.3: Evolução da População Jovem por Gênero e Maternidade.....	24
Tabela 2.4: Evolução da População Jovem Inativa por Gênero e Maternidade.....	24
Tabela 2.5: Evolução da População Jovem Total e Inativa por Escolaridade e Gênero.....	28
Tabela 3.1: Tabela 3.1 - Variáveis Explicativas do Modelo Logit.....	35
Tabela 3.2: Modelo <i>logit</i> para determinação da inatividade dos jovens (2004).....	36
Tabela 3.3: Modelo <i>logit</i> para determinação da inatividade dos jovens (2014).....	37

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1.1: Evolução dos Neets na União Europeia (percentual) .....	12
Gráfico 1.2: Evolução da Taxa de Ocupação por Grupo de Idade.....	14
Gráfico 1.3: Gráfico 1.3- Nível de Instrução da População Jovem (15-29 anos).....	16
Gráfico 2.1: Distribuição da População do Estado RJ em grupos de Idade.....	20
Gráfico 2.2: Evolução da Ocupação da População Jovem .....	22
Gráfico 2.3: Participação por Gênero na Inatividade.....	25
Gráfico 2.4: Posição no Domicílio.....	26
Gráfico 2.5: Evolução no Ensino População Jovem no RJ .....	27
Gráfico 2.6: Ocupação dos Jovens por Quintil de Renda (2014).....	30
Gráfico 2.7: Evolução no Percentual de Jovens Inativos por Quintil de Renda.....	31

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
 <b>CAPÍTULO I: CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A QUESTÃO DOS JOVENS QUE NÃO ESTUDAM E NÃO TRABALHAM.....</b>	<b>10</b>
I.1- Jovens que não estudam e não trabalham na União Europeia.....	10
I.2- Jovens que não estudam e não trabalham no Brasil.....	13
 <b>CAPÍTULO II- ANÁLISE DESCRITIVA DO PERFIL E DA EVOLUÇÃO DOS JOVENS QUE NÃO ESTUDAM E NÃO TRABALHAM.....</b>	<b>19</b>
II.1 POPULAÇÃO NO RIO DE JANEIRO (2004-2014).....	19
II.1.1.- Características Gerais da População no RJ .....	19
II.1.2- Características da População Jovem no RJ .....	21
II.2 JOVENS NÃO ESTUDAM E NÃO TRABALHAM NO RJ(2004-2014).....	23
II.2.1- Gênero e Maternidade.....	23
II.2.1- Escolaridade.....	27
II.2.3- Renda.....	30
 <b>Capítulo III- ANÁLISE EMPÍRICA DAS PROBABILIDADES CONDICIONADAS.....</b>	<b>32</b>
III.1. Estratégia Empírica.....	32
III.2: Resultados.....	35
III.3: Discussão dos Resultados.....	37
 <b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>40</b>
<b>REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>41</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>44</b>



## INTRODUÇÃO

A Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios (PNAD) do ano de 2014 indica que o Brasil possui 48,9 milhões de jovens<sup>1</sup> entre 15 e 29 anos, o que representa 24,1% da população total. A juventude tradicionalmente é definida como um período de transição para a vida adulta, em que há consolidação dos estudos e vivem-se as primeiras experiências profissionais.

Um fenômeno observado não só no Brasil, como em outras partes do mundo, é o dos jovens que não estudam e não trabalham. De acordo com Síntese dos Indicadores Sociais divulgada em 2015 pelo IBGE um em cada cinco jovens brasileiros encontravam-se nesta situação em 2014. E pior, 13,9% do total de jovens além de não estarem frequentando escola ou trabalhando também não estavam procurando emprego. Apesar do IBGE caracterizar a população inativa como aquela que não está inserida na força de trabalho, nesta monografia o termo terá um significado diferente. São aqui chamados de inativos<sup>2</sup> ou “nem nem” os indivíduos que não estão estudando ou participando no mercado de trabalho.

Do ponto de vista econômico, o afastamento do jovem da escola do mercado de trabalho pode acarretar em prejuízos para o crescimento e desenvolvimento do país. Isto porque eles não estão investindo em capital humano através da educação formal ou acumulando experiências profissionais, fatores essenciais para o aumento da produtividade no futuro. No aspecto social, a exclusão dos indivíduos da escola e da esfera produtiva pode estar associada a uma série de vulnerabilidades experimentadas pelos jovens, o que pode os levar a situações de risco como envolvimento com a criminalidade.

Cardoso (2013), Monteiro (2013) e Camarano e Kansos (2012), entre outros, destacam que entender o fenômeno dos jovens fora do mercado de trabalho e da escola é fundamental para formulação de políticas públicas eficazes com intuito de diminuir as desigualdades sociais e promover melhores condições para o aumento da produtividade e crescimento econômico.

---

<sup>1</sup> O conceito de juventude segue a definição do Estatuto da Juventude que os define como indivíduos entre 15 e 29 anos.

<sup>2</sup> O termo inativos é utilizado de forma simplificada para designar indivíduos fora da escola e do mercado de trabalho. No entanto, reconhece-se que mulheres que realizam atividades domésticas, não são de fato inativas.

Observa-se também que a perspectiva é que a população jovem caia nas próximas décadas, conforme o Brasil avança no processo de transição demográfica. Segundo a Projeção da População por Sexo e Idade, realizada pelo IBGE em 2013 a participação dos jovens entre 15 e 29 sobre população total deve atingir 21% em 2030 e 15,3% em 2060. Estas tendências conferem um caráter emergencial à aplicação de políticas voltadas à juventude.

Tendo em vista os fatos expostos, o objetivo deste trabalho é analisar a evolução do fenômeno dos jovens inativos no Brasil e mais especificamente no estado do Rio de Janeiro nos anos recentes. Tem-se como finalidade traçar um perfil deste grupo, expondo características individuais e familiares (escolaridade, sexo, maternidade, estrato de renda, etc.) e sua evolução temporal. As análises são feitas a partir de discussões teóricas e também por meio de análises de dados feitas a partir das PNADs entre os anos de 2004 e 2014.

Esta monografia encontra-se dividida em quatro sessões, além desta introdução. No primeiro capítulo, expõe-se uma breve literatura a respeito dos jovens que não estudam e não trabalham na União Europeia, em que o tema ganhou especial atenção com a disseminação da Crise Global de 2008. Posteriormente, apresenta-se uma discussão mais aprofundada do tema no Brasil, expondo contribuições de autores nacionais sobre o tema.

No segundo capítulo é realizada uma análise descritiva dos dados a fim de avaliar como a população dos jovens inativos evoluiu na última década no Estado do Rio de Janeiro através das PNADs de 2004 a 2014. A análise é feita a partir de desagregações de gênero, maternidade, escolaridade e renda. Escolheu-se trabalhar apenas com o Estado do RJ para simplificar a análise e conferir mais relevâncias a características individuais e domiciliares que afetam a condição de não trabalhar e não estudar. Entretanto de forma geral, os resultados descritivos encontrados para o Rio de Janeiro podem ser estendidos para o Brasil. Optou-se também trabalhar com o grupo de jovens entre 18 e 24 anos, que abrange o período que a maioria dos jovens já terminou o Ensino Médio e está se inserindo no mercado de trabalho.

No terceiro capítulo faz-se uma análise estatística por meio da aplicação de um modelo *logit*. Regredi-se variáveis consideradas relevantes (sexo, escolaridade, renda, maternidade área de moradia, etc) sobre a condição de não trabalhar e não estudar, com intuito de mensurar suas contribuições individuais. Por fim, a última sessão é composta pelas considerações finais.

## **CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A QUESTÃO DOS JOVENS QUE NÃO ESTUDAM E NÃO TRABALHAM**

O fenômeno dos jovens que não estudam ou trabalham está presente não só no Brasil como em diversos países. O objetivo da parte inicial deste capítulo é explorar, sucintamente, a literatura existente sobre este fenômeno na União Europeia, em que a Crise Econômica de 2008 afetou profundamente a estrutura do mercado de trabalho, trazendo maior relevância ao tema. A segunda parte do capítulo, apresenta uma análise mais aprofundada do caso brasileiro, destacando suas peculiaridades em relação ao europeu. Através da literatura nacional existente sobre o tema, também é feito um estudo sobre o perfil dos jovens brasileiros que não estudam ou trabalham, salientando suas principais características.

### **I.1 Jovens que não Estudam e não Trabalham na União Europeia**

O termo NEET -*Not currently engaged in Employment, Education or Training*- como assim ficaram conhecidos os jovens que não estudam, não trabalham ou participam de algum tipo de treinamento profissional popularizou-se com a publicação do relatório *Bridging the Gap* em 1999 pelo governo britânico (Social Exclusion Unit, 1999). Este relatório objetivava não só caracterizar quem eram esses jovens na faixa de 16 a 18 anos, como também propor um pacote de medidas governamentais a serem implantadas a fim de retirá-los desta situação marginalizada. Atualmente os NEETs são fenômeno estudado mundialmente ainda não que não haja uma única definição para o termo, e tampouco uma única forma de mensurá-lo.

A maioria dos países da União Europeia caracteriza os NEETs como jovens entre 15 a 24 anos que não estão estudando, trabalhando ou participando de programas de treinamento profissional e utiliza a base de dados do *Labor Force Survey* (LBF) para elaboração de estatísticas. Entretanto, há outras definições possíveis. No Japão, por exemplo, os NEETs são pessoas entre 15-34 anos que não participam da força de trabalho, não estudam e não realizam atividades domésticas e na Coreia são aqueles entre 15 a 34 anos que não estudando, não estão trabalhando ou preparando-se para trabalhar, não possuem responsabilidades domésticas (filhos) e não são casados. (Eurofound, 2012). Diante destes distintos significados para os NEETs, organizações internacionais como o OCDE e a Comissão Europeia começaram a utilizar suas próprias definições para mensurar o fenômeno em diversos países, possibilitado a comparação de dados.

Para fins analíticos o relatório da Eurofound (2012) dividiu os NEETs em cinco subgrupos:

1. O maior deles é composto pelos jovens que estão involuntariamente desempregados tanto por um curto como longo período
2. Formado por aqueles que estão inabilitados a procurar emprego seja por questões de responsabilidade familiar ou doença.
3. Constituído pelos jovens que não estão estudando ou procurando emprego apesar de não estarem inabilitados.
4. Formado por aqueles que estão procurando emprego ou treinamento profissional, mas estão aguardando melhores oportunidades no mercado de trabalho.
5. O último subgrupo contém os que estão voluntariamente desempregados que estão viajando ou envolvidos em trabalhos voluntários e atividades de autoaprendizagem.

Estas subdivisões mostram o quão heterogêneo é o grupo formado pelos NEETs, contendo jovens em maior ou menor grau de vulnerabilidade. Neste sentido, qualquer estudo ou política pública a ser adotada deve levar em conta também qual subgrupo está sendo tratado.

No caso Europeu, como observa Cardoso (2013), os estudos relacionados aos NEETs ganharam maior importância com disseminação da crise de 2008, ainda que uma análise mais detalhada mostre que este fenômeno não é recente no continente. No Reino Unido, por exemplo, os NEETs já haviam sido objeto de estudo por alguns autores anteriormente. Robson (2008) destaca os trabalhos de Byner et al (2000) e Bynner e Person (2002) que identificaram alguns fatores que exerciam uma forte influência na probabilidade de uma criança britânica tornar-se um NEET no futuro dos quais destacam-se a classe econômica a qual pertence a família, nível educacional dos pais, interesse dos pais no estudo do filho e área residencial.

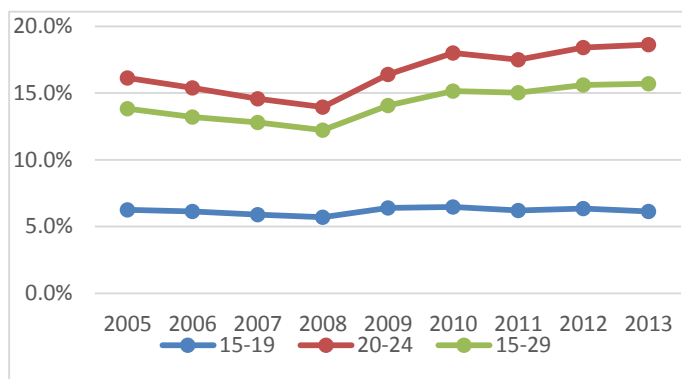
Outro trabalho que estuda o desemprego dos jovens europeus em período anterior à crise é o de Quintini e Martins (2007). A grande contribuição dos autores foi identificar os países da OCDE em que situação de NEET não era transitória, ou seja, perdurava no longo prazo. Para tal criou-se um indicador alternativo que mediu o percentual de jovens que permaneceram como NEET durante um período de cinco anos (1997-2001). Esse percentual

era de 30% na Itália, 20% na Grécia, e superior a 10% em países como Espanha, França, Irlanda e Nova Zelândia.

Outro resultado importante deste trabalho que já foi mencionado por diversos outros autores é o fato do baixo nível educacional estar altamente correlacionado com a probabilidade de um uma pessoa ser NEET no futuro. Conforme Carcillo, S. et al (2015) em um mundo em que se exigem cada vez maiores habilidades e qualificações no mercado de trabalho, o alto nível educacional parece ser a melhor forma de se prevenir que uma criança ou jovem torna-se um NEET.

Como menciona Cardoso (2013), a novidade da crise nos países europeus parece ser um crescimento acelerado do número de NEETs em um curto período de tempo. O relatório da Eurofound 2012 mostra que as taxas de NEETs na União Europeia estavam caindo no período de 2000 a 2008, entretanto, após a crise esta queda é interrompida. O gráfico 1.1 ilustra esse processo. Como pode ser de 2005 a 2008 houve uma queda na porcentagem dos NEETs em todas as faixas etárias selecionadas. A partir de 2008, essas taxas começam a crescer, principalmente na faixa de 20 a 24 anos.

Gráfico 1.1- Evolução dos NEETs na União Europeia (%)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da OCDE

Obviamente, a crise não atingiu de forma homogênea o mercado de trabalho na União Europeia. Os países que mais parecem ter sofrido com a crise em termos de jovens desempregados foram a Grécia, Espanha e Itália. Nestes países, segundo dados da OCDE, a taxa de NEETs entre 15 a 29 anos elevou-se em 12,3% (2008: 16,2%, 2013: 28,5%), 10,4% (2008: 16,4, 2013: 26,8%) e 7% (2008: 19%, 2013: 26%), respectivamente. Neste mesmo período, de 2008 a 2013, a taxa média dos NEETs nos países da União Europeia passou de

14% para 15,5%, um aumento de menos de dois pontos percentuais. Entretanto, como é salientado por Carcillo, S. et al. (2015) tanto na Grécia como na Espanha crescimento dos NEETs é fruto principalmente entre do alto nível de desemprego entre os jovens, e não por um crescimento do número de jovens propriamente inativos, isto é, que também não estão procurando emprego.

Para se ter ideia da dimensão do problema estatísticas da OCDE mostram que a taxa de desemprego entre os jovens de 15 a 24 anos passou de 21,1% em 2008 para 56,3% em 2013 na Grécia e de 24,5% na Espanha para 55,5% no mesmo período. Uma consequência destas altas taxas de desemprego, é que jovens de alta qualificação passaram a ocupar o status de NEET. Na Grécia por exemplo, 26% dos NEETs possuem educação superior ou algum tipo de qualificação terciária. (Carcillo, S. et al, 2015). Sendo assim, parece que fatores conjunturais da economia estão contribuindo em grande parte para o mau desempenho no mercado de trabalho nestes países, e em certa medida, explicam o aumento do contingente dos NEETs.

O objetivo desta seção foi explorar brevemente a situação dos jovens desempregados e fora da escola nos países da União Europeia. Não há aqui uma finalidade aqui aprofundar-se neste fenômeno nos países europeus, mas apenas utilizar de parâmetro de comparação para as análises que serão feitas para o caso brasileiro na segunda parte deste capítulo.

## **II.1 Jovens que Não Estudam e Não Trabalham no Brasil**

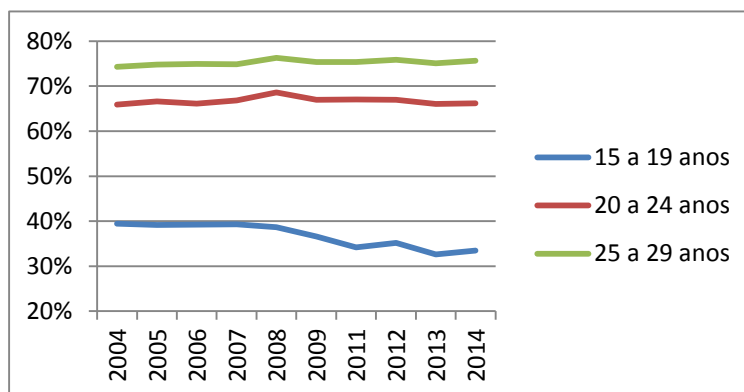
No Brasil há um termo similar aos NEETs para designar os jovens que não estudam e não trabalham, os chamados “nem nem”. Apesar do fenômeno estar igualmente presente no Brasil e na União Europeia, há diferenças fundamentais tanto na evolução deste entre estas regiões que serão discutidas a seguir.

Conforme observa Cardoso (2013) o desemprego juvenil está aumentando nos últimos anos Brasil tal como na Europa, entretanto em um ritmo muito mais brando. Aqui, ao contrário do que ocorreu no continente europeu, a Crise de 2008 não representou um ponto de inflexão no que diz respeito a evolução do desemprego entre os jovens.

Como mostra o gráfico 1.2, a taxa de ocupação entre os jovens manteve-se mais ou menos constante ao longo da última década. Apenas a faixa etária 15-19 anos viu a taxa de ocupação cair em um ritmo mais acelerado desde 2008, passando de 39% em 2008 para 34%

em 2014. Isto não demonstra um resultado necessariamente negativo, porque pode representar, por exemplo, um adiamento na entrada do trabalho entre os jovens em prol de mais anos dedicados à educação.

Gráfico 1.2- Taxa de Ocupação por Grupo de Idade



Fonte: Elaboração Própria a partir de dados da PNAD 2004 à 2014

Se por um lado a taxa de desocupação entre os jovens não mudou muito na última década, um dado preocupante é a alta taxa de inatividade entre os jovens neste período. Por inatividade entende-se aqueles jovens que não participam da População Economicamente Ativa (PEA)<sup>3</sup> e não estão estudando. Camarano e Kansos (2012), utilizando dados do Censo Demográfico, notaram que entre 2000 e 2010 houve um aumento dos jovens inativos entre 15 e 29 anos. Em 2000 eles eram 8.123 mil pessoas, 16,9% da população jovem e em 2010 somaram 8.832 mil, ou 17,2% do mesmo grupo.

Há um esforço de diversos autores para traçar um perfil dos jovens inativos brasileiros. Embora as escolhas individuais tenham um papel fundamental sobre a condição de não estudar e não trabalhar há grupos mais propensos a encontrar-se em tal situação tais como mulheres, mães, jovens de baixa renda e de baixa escolaridade e moradores da zona rural. (Monteiro, 2013).

No Brasil, assim como na maioria dos países, as mulheres ainda são ampla maioria entre os jovens inativos. Culturalmente, a transição da adolescência para a vida adulta ainda apresenta trajetórias muito distintas entre os homens e as mulheres. Eventos como maternidade e casamento desempenham um papel fundamental para a mulher na idade adulta,

<sup>3</sup> O IBGE define a População Economicamente Ativa (PEA) como o potencial de mão de obra que pode contar o setor produtivo, abrangendo a população ocupada (que possuía trabalho na semana de referência) e a população desocupada, que apesar de desempregada procurava inserir-se no mercado de trabalho.

enquanto a entrada no mercado de trabalho ainda é evento de menor importância principalmente quando comparado ao caso masculino. (Camarano, Mello e Kansos, 2006). Assim, em boa parte da alta de inatividade feminina é explicada pelo maior compromisso delas em relação às atividades domésticas e a constituição da família.

Analisando o Censo Demográfico Camarano e Kansos (2012) notam que entre 2000 e 2010 a proporção de mulheres de 15 a 29 anos na condição “nem nem” reduziu-se enquanto entre os homens aumentou. Em 2000 cerca de 26,4% das mulheres nesta faixa etária eram inativas, já em 2010, 23%. Entre os homens houve uma elevação substancial deste percentual, passando de 7,4% em 2000 para 11,2% em 2010.

Cardoso (2013) observa que entre as mulheres a redução da inatividade se deu principalmente na faixa etária entre 25-29 anos período em que a mulher está entrando da maturidade e muitas vezes já é casada e com família constituída. Cabe mencionar que muitas mulheres exercem a jornada dupla de trabalho, inseridas na esfera produtiva, mais ainda detendo a maior parte das responsabilidades domésticas e familiares. Bruschini, M. C. A identifica o perfil da trabalhadora brasileira: casada e com filhos, implicando que a entrada na mulher no mercado de trabalho ocorreu por meio de um acúmulo de funções (Bruschini, MC apud Kubrusly, Lucia 2015)

Apesar de autores como Bruschini M.C identificaram a trabalhadora típica brasileira como mãe e casada, a maternidade ainda parece exercer um forte influencia sobre a inatividade das mulheres mais jovens. Monteiro (2013)<sup>4</sup> utilizando dados da Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicilio (PNAD) mostra que as mulheres com filhos em 2011 estavam sobre representadas na população de jovens inativos, correspondendo a 45% destes, enquanto entre população jovem total equivaliam a apenas 18%. Porém, a inatividade das mulheres com filho vem caindo, em 2001 46% delas estavam inativas e em 2011 43%. Este resultado é fruto da combinação de dois fatores, em primeiro lugar as mulheres estão tendo menos filhos e em idade mais elevada e em segundo houve um aumento da taxa de participação da mulher com filhos no mercado de trabalho.

No Brasil o menor nível educacional também exerce forte influência na probabilidade de um jovem estar afastado do mercado de trabalho e da escola. Menezes Filho, Cabanas,

---

<sup>4</sup> Monteiro (2013) em sua análise considera jovens entre 19 e 24 anos

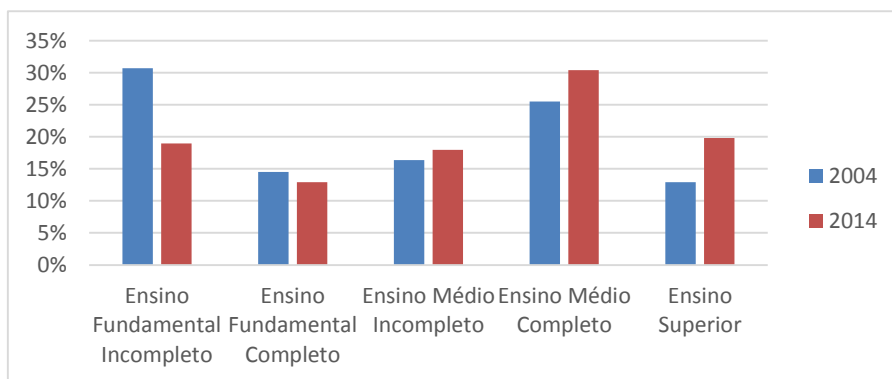


Komasu (2013)<sup>5</sup> observam taxas expressivas de jovens inativos entre aqueles que não possuem Ensino Fundamental Completo, e pior, a tendência destes a permanecer nesta condição por mais tempo quando comparado jovens com demais níveis educacionais.

Camarano, Melo e Kansos (2006) notam que em 2000 a maior proporção de “nem nem” estava entre os que tinham até quatro anos de estudo tanto para homens quanto para mulheres. Em sua análise estatística, Monteiro (2013) encontra a educação, dentre as características individuais, como a que tem a maior influencia sobre a probabilidade um jovem estar inativo. Em média, cada ano de estudo, reduziria em dois pontos percentuais a probabilidade de um jovem não estudar e não trabalhar.

É importante ressaltar que na última década houve expressivos ganhos em escolarização no Brasil. Conforme pode ser visto no gráfico 1.3 houve uma diminuição substancial no número de jovens com Ensino Fundamental incompleto e em contrapartida um aumento dos que concluíram o Ensino Médio e de que tiveram acesso ao Ensino Superior.

Gráfico 1.3- Nível de Instrução da População Jovem (15-29 anos)<sup>6</sup>



Fonte: Elaboração Própria a partir de dados PNAD/IBGE 2004 e 2014

Monteiro (2013) reconhece o maior nível de instrução no Brasil como uma das explicações para que a taxa de inatividade entre os jovens tenha se mantido razoavelmente constante nos últimos anos. Se por um lado há aumento do número de anos que o jovem permanece na escola, por outro lado o percentual de “nem nem” cresceu em todos os níveis educacionais, resultando em uma espécie de efeito compensação.

<sup>5</sup> Menezes Filho, Cabanas, Komasu (2013) trabalham com a faixa etária de

<sup>6</sup> Os níveis de instrução foram elaborados de acordo com os anos de estudo indicados na PNAD da seguinte forma: Fundamental Incompleto (abaixo de 8 anos), Fundamental Completo (8 anos), Ensino Médio Incompleto (9 e 10 anos), Ensino Médio Completo (11 anos), Ensino Superior (11 anos ou mais)

A maior ou menor escolaridade dos pais também influencia no afastamento dos jovens da escola e do mercado de trabalho, o que pode levar a uma perpetuação da condição “nem nem”. Os pais com maior escolaridade tendem a atribuir uma maior importância aos estudos, incentivando seus filhos a permanecer mais tempo na escola. Em seu modelo empírico, Tillmann e Comim (2014) evidenciam que jovens que têm pais com menor nível de escolaridade, têm maior a probabilidade de estarem inativos ou apenas trabalhando, enquanto filhos que possuem pais com ensino superior têm maior probabilidade de dedicar-se exclusivamente aos estudos.

Existem diferenças importantes entre gêneros no que diz respeito à educação. Em geral, mulheres permanecem mais tempo na escola, sendo a maioria entre aqueles que não participam do mercado de trabalho e estudam. Entretanto, a maternidade aumenta substancialmente as chances das mulheres se distanciarem precocemente dos estudos, contribuindo para maiores dificuldades de inserção no mercado de trabalho. (Tillmann e Comim, 2014).

A baixa renda também parece estar fortemente correlacionada à inatividade entre os jovens. Segundo Monteiro (2013), 35% dos jovens que estão entre os 20% mais pobres da população brasileira não estão economicamente ativos ou estudando. Ainda conforme a autora 55% dos jovens “nem nem” são pobres e residem em domicílios que estão entre os 40% mais pobres do Brasil.

Costa e Ulysses (2014) notam que entre 1992 e 2012 a proporção de “nem nem” entre os quantis de renda manteve-se mais ou menos estável. Por outro lado, Cardoso (2013)<sup>7</sup> em seu modelo estatístico evidencia um fato preocupante: um aumento da probabilidade de uma família de baixíssima renda possuir pelo menos um “nem nem” no domicílio entre 2000 e 2010. Em 2000, a probabilidade de uma família entre os 10% mais pobres do Brasil (1º quantil de renda) conter um jovem “nem nem” era 233% maior do que uma família entre os 10% mais ricos (10º quantil de renda), em 2010 esse valor aumentou para 800%.

Uma última característica individual que está ligada a condição “nem nem” é a cor ou raça. Negros e pardos estão sobre representados na população inativa, o que reflete uma série de desigualdades que este grupo sofre ao longo da vida como o menor acesso à educação formal e discriminações no mercado de trabalho (Costa e Ulysses, 2014). Monteiro (2013)

---

<sup>7</sup> Cardoso (2013) em seu modelo estatístico considera jovens entre 18 e 25 anos

em seu modelo econométrico encontrou resultados estatisticamente significativos no diferencial de inatividade por cor, principalmente no caso de mulheres negras e mães. Não obstante, é relevante lembrar que aqui não está sendo feita uma análise sobre a qualidade do ensino e do trabalho, o que possivelmente aumentaria o diferencial racial.

Aspectos geográficos também exercem influencia sobre a inatividade dos jovens. Diferentes áreas de moradia contam com redes de infraestrutura diferenciada (energia, transporte, etc) e de serviços (saúde, creches e escola, comunicação) à disposição da população que influenciam na facilidade de um jovem inserir-se na escola ou mercado de trabalho.

No que diz respeito às diferenças regionais, morar no Nordeste amplia as chances de um jovem estar inativo quando comparado ao Sudeste, o que reflete as diferenças socioeconômicas existente entre as regiões brasileiras. (Camarano, Mello e Kansos, 2006). Residir no meio rural também aumenta a probabilidade da inatividade do indivíduo, quando comparado ao meio urbano. Isso pode ser explicado pelo menor acesso à infraestrutura no meio rural, maior distância entre a escola e moradia e menos oportunidades no mercado de trabalho. Entretanto, também é possível que atividades exercidas no meio rural ainda não sejam contabilizadas pelo IBGE (Costa e Ulysea, 2014).

Como foi discutido neste capítulo o fenômeno dos jovens que não estudam e não trabalham não é recente, entretanto ganhou mais importância na literatura nos anos 2000. É importante destacar que a situação “nem nem” muitas vezes é transitória. Alguns fatores são relevantes para entender o alto desemprego entre os jovens como a dificuldade de se conseguir o primeiro emprego devido à falta de experiência anterior, a alta rotatividade e maior instabilidade no emprego (Fiori, 2006).

No entanto, há grupos em que a inatividade parece perdurar por um longo período, como no caso dos jovens de baixa escolaridade e mulheres, especialmente com filho (Menezes Filho, Cabana, Komatsu, 2013). Neste sentido, torna-se fundamental compreender o porquê estes jovens encontram-se inativos, de modo a realizar políticas públicas eficientes que os retirem desta situação de vulnerabilidade os reinserido seja na esfera produtiva ou escolar.

## **CAPÍTULO II- ANÁLISE DESCRITIVA DO PERFIL E DA EVOLUÇÃO DO PERFIL DOS JOVENS QUE NÃO ESTUDAM E NÃO TRABALHAM**

O objetivo deste capítulo é fazer uma análise descritiva dos dados da PNAD entre 2004 e 2014 de forma a avaliar como o perfil dos jovens que não estudam e não participam do mercado de trabalho evoluiu no Estado do Rio de Janeiro em um período de dez. Ainda que a análise esteja restrita ao Estado do RJ, diversas das conclusões aqui obtidas podem ser estendidas para o Brasil como um todo visto que confirmam os resultados discutidos pelos autores que estudaram o fenômeno em nível nacional no primeiro capítulo.

Outro aspecto relevante é definir com qual grupo de idade de jovens será trabalhado. Embora a juventude seja definida pelo Estatuto da Juventude como o período entre 15 e 29 anos, autores trabalham com diferentes grupos de idade para estudar os indivíduos “nem nem”. De acordo com Cardoso (2013) “idades entre 15 e 29 representam momentos biográficos muito distintos”. Aos 15 o esperado é que o adolescente ainda esteja frequentando a escola, enquanto aos 29 supõe-se que o adulto já esteja trabalhando. Assim sendo, escolheu-se trabalhar com a população entre 18 e 24 anos. Considerou-se esse um bom período para estudo porque aos 18 a maioria dos jovens já deixou ou está prestes a deixar o Ensino Médio, enquanto aos 24 já está inserindo no mercado de trabalho ou constituindo família. Ressalta-se que partir dos 25 anos a idade parece perder relevância para explicar a inatividade. (Cardoso, 2013)

Este capítulo está dividido em duas sessões. Na primeira é feita uma breve análise de como evoluiu a população no Rio de Janeiro no período de 2004 a 2014. Na segunda sessão, é realizada uma série de desagregações da população jovem inativa a fim de acompanhar possíveis mudanças no perfil dos jovens que não estudam e não trabalham no período em questão.

### **II.1. População no Rio de Janeiro (2004-2014)**

#### **II.1.1 Características Gerais da População no Rio de Janeiro**

No ano de 2014 a população do Estado do Rio de Janeiro era de 16,5 milhões de pessoas. Desde 2004 ela vem crescendo em um ritmo lento de na média 0,76% ao ano. A

maior parte dos residentes são mulheres, durante o período considerado elas corresponderam a cerca de 52% da população. Com respeito ao local de moradia, a grande maioria vive em área urbana. Em 2004 menos de 4% da população vivia em na zona rural e em 2014 menos de 3%. Algumas destas informações estão dispostas na tabela 2.1.

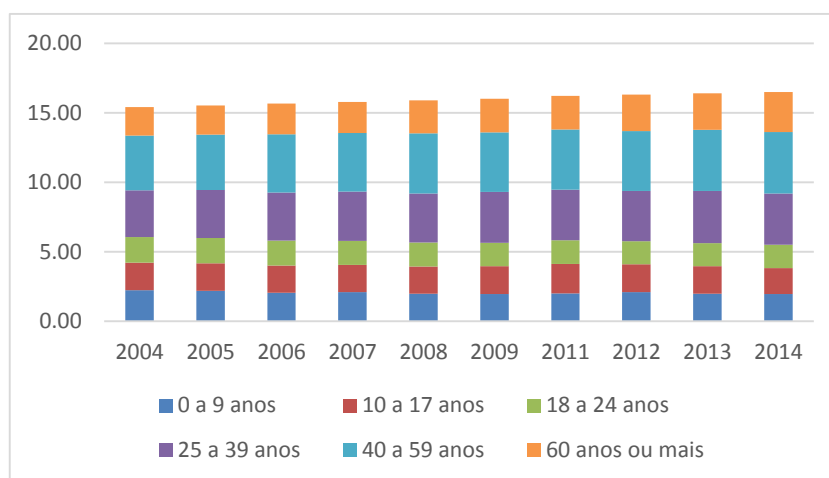
Tabela 2.1- População Residente do Rio de Janeiro (em milhões)

	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2011	2012	2013	2014
Total	15,40	15,52	15,65	15,77	15,88	15,99	16,20	16,30	16,40	16,49
Homem	7,25	7,35	7,35	7,49	7,46	7,51	7,58	7,74	7,68	7,74
Mulher	8,14	8,17	8,30	8,28	8,42	8,48	8,62	8,56	8,72	8,75

Fonte: Elaboração Própria com dados da PNAD/IBGE 2004 à 2014

Quanto à distribuição da população do Rio de Janeiro em grupos de idades, os resultados estão resumidos no gráfico 2.2. Percebe-se que houve um envelhecimento populacional, com a as pessoas acima de 25 anos ganhado uma maior participação na população, sobretudo aqueles entre 40 e 59 anos e acima de 60 anos. Por outro lado, ocorreu um encolhimento dos indivíduos abaixo de 25 anos, o que confirma um avanço no processo de transição demográfica no estado.

Gráfico 2.1- Distribuição da População do Estado RJ em grupos de idade (milhões)



Fonte: Elaboração Própria com dados da PNAD/IBGE 2004 à 2014

## II.1.2 Características da População Jovem no Rio de Janeiro

Conforme exposto no início do capítulo, aqui são chamados de jovens os indivíduos entre 18 e 24 anos. Em 2004 eles totalizaram 1,84 milhões de pessoas, representando 12% do total de moradores do estado. Em 2014 o grupo encolheu passando para 1,69 milhões de pessoas e também perdeu participação relativa na população, correspondendo por 10,2% do total.

Foi feita uma análise dos jovens residentes segundo sua ocupação dividindo-os em quatro categorias: (i) Participa somente da PEA (ii) Participa da PEA e Estuda (iii) Somente estuda (iv) Não participa da PEA e Não Estuda (“nem nem”). Os resultados estão expostos na tabela 2.

Tabela 2.2- Evolução da População Jovem de 18 a 24 anos por ocupação

	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2011	2012	2013	2014
<b>População (mil pessoas)</b>										
PEA	923,5	920,6	870,0	843,7	872,3	851,9	869,3	833,2	820,3	845,6
PEA e Estuda	400,6	409,2	428,9	356,3	353,7	309,4	243,3	222,7	239,2	253,2
Só Estuda	273,6	276,5	277,5	280,9	257,8	268,6	294,3	297,4	290,9	306,3
Não Estuda e não PEA	243,4	222,8	226,6	260,1	247,2	252,0	280,1	313,7	308,7	281,0
<b>Participação Relativa</b>										
PEA	50,2%	50,3%	48,3%	48,5%	50,4%	50,7%	51,5%	50,0%	49,4%	50,2%
PEA e Estuda	21,8%	22,4%	23,8%	20,5%	20,4%	18,4%	14,4%	13,4%	14,4%	15,0%
Só Estuda	14,9%	15,1%	15,4%	16,1%	14,9%	16,0%	17,4%	17,8%	17,5%	18,2%
Não Estuda e não PEA	13,2%	12,2%	12,6%	14,9%	14,3%	15,0%	16,6%	18,8%	18,6%	16,7%

Fonte: Elaboração Própria a partir da dados da PNAD/IBGE 2004 À 2014

A tabela 2.2 aponta algumas tendências em relação à ocupação dos jovens. Em primeiro lugar, observa-se que a categoria que está somente inserida no mercado de trabalho, em termos relativos, é maior e a mais estável no período, equivalendo a aproximadamente 50% da população. Os indivíduos que não estudam e não participam da PEA, por sua vez, ganharam uma maior participação relativa, atingindo seu pico nos anos de 2012 e 2013 quando totalizaram quase 19% do total de jovens.

O grupo que experimentou as maiores mudanças foi as dos indivíduos que participam da PEA e estudam. Houve uma diminuição substancial da população que estuda e trabalha, passando de 400,6 mil pessoas em 2004 para 253,2 mil em 2014. Em termos percentuais uma queda de 21,8% para 15%. É provável que a diminuição das pessoas categoria, tenha sido em parte compensada pelo aumento dos que se dedicam exclusivamente ao estudo. Em 2004, estes totalizaram 273,6 mil pessoas e em 2014 303,6 mil. Enquanto em 2004 eles correspondiam a 14,9% dos jovens, em 2014 passaram a ser 18,2% dos mesmos.

As diferenças entre os gêneros são marcantes quando se divide a população nestas mesmas categorias, como pode ser visto no gráfico 2.2.

Gráfico 2.2.a – Evolução Ocupação Mulheres

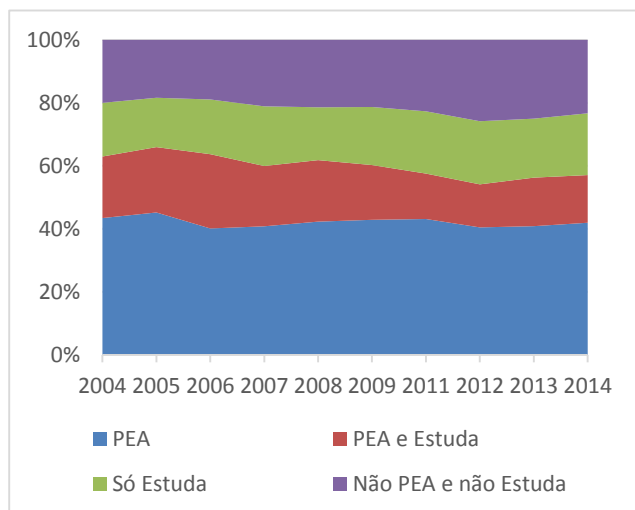
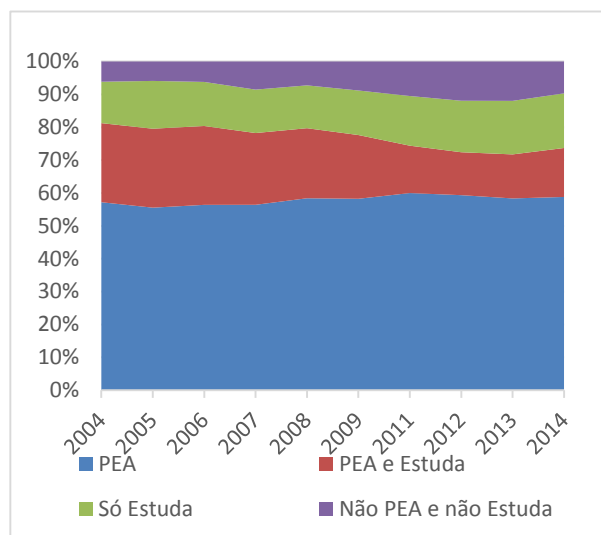


Gráfico 2.2.b- Evolução Ocupação Homens



Fonte: Elaboração Própria com dados PNAD/IBGE 2004 à 2014

Nota-se que a categoria dos jovens que estão inseridos no mercado de trabalho, isto é, participam da PEA é a maior tanto para homens quanto para mulheres. Porém, para eles ela apresenta uma participação relativa mais significativa, correspondendo em todos os anos a valores acima dos 55%. Entre as mulheres, as que participam apenas da PEA são, na média, 42% das jovens do sexo feminino.

Quanto aos que participam da PEA e estudam houve uma queda na participação tanto entre os homens como entre as mulheres, mas mais acentuada para eles. Em 2004 os homens estavam mais representados grupo, entretanto este valor se equilibrou ao longo dos últimos anos. Atualmente homens e mulheres possuem percentuais muito semelhantes entre aqueles

que estudam e trabalham. Em 2004, 24% dos homens estava nesta situação e em 2014, 15%, ou seja, uma queda de dez pontos percentuais. Entre as mulheres a queda foi mais suave, passando 19,5% em 2004 para 15% em 2014. Atualmente este grupo, é o com menor representação entre elas.

No que diz a respeito aos jovens que estão estudando e não estão trabalhando, as mulheres têm maior representatividade. Em 2004 17% das mulheres pertenciam a este grupo e em 2014 19%. Para os homens o percentual evoluiu de 12,6% para 16,6% no mesmo período.

Por fim, o grupo de maior interesse aqui dos jovens que não participam da PEA e não estudam cresceu para ambos os sexos. Percebe-se que as mulheres são ampla maioria neste grupo, em todos os anos com percentuais acima de 18%. Em 2012 em seu ápice, as mulheres que não estudam e não trabalham chegaram a representar 25,9% da população feminina, constituindo a segunda maior categoria, apenas atrás daquelas que participavam apenas da PEA. Contudo, é relevante relembrar que aqui as atividades domésticas não estão sendo consideradas como trabalho, e que se fossem os resultados provavelmente seriam muito diferentes. No caso do sexo masculino, os inativos são os que têm menor representação quando comparado aos demais grupos, porém o contingente está crescendo. Em 2004, apenas 6% dos homens não estudavam e não trabalhavam, em 2014 aproximadamente 10% e em anos como em 2012 e 2013 o percentual chegou a quase 12%. Uma análise mais detalhada dos indivíduos que não participam da PEA e não estão na escola será feita a seguir

## **II.2 Jovens que Não Estudam e Não Trabalham no Rio de Janeiro (2004-2014)**

A fim de avaliar como o perfil dos jovens que não estão inseridos no mercado de trabalho e não estudam evoluiu em um período de dez anos são feitas as desagregações da população inativa em gênero, maternidade, escolaridade.

### **II.2.1- Gênero e Maternidade**

A primeira desagregação é por gênero e maternidade, os resultados estão expostos nas tabelas 2.3 e 2.4.



Tabela 2.3- Evolução da População Jovem (18 a 24 anos) por Gênero e Maternidade

	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2011	2012	2013	2014
<b>Total (mil pessoas)</b>	1.841	1.827	1.802	1.740	1.731	1.682	1.688	1.667	1.659	1.687
Mulheres sem Filho	664	656	667	633	619	604	611	573	623	642
Mulheres com Filho	278	265	239	253	245	229	236	253	222	223
Homens	899	906	896	854	867	849	841	841	814	822
<b>Participação Relativa</b>										
Mulheres sem Filho	36,1%	35,9%	37,0%	36,4%	35,8%	35,9%	36,2%	34,4%	37,6%	38,1%
Mulheres com Filho	15,1%	14,5%	13,3%	14,5%	14,2%	13,6%	14,0%	15,2%	13,4%	13,2%
Homens	48,8%	49,6%	49,7%	49,1%	50,1%	50,5%	49,8%	50,4%	49,1%	48,7%

Fonte: Elaboração Própria a partir de dados da PNAD 2004 a 2014

Tabela 2.4- Evolução da População Jovem Inativa (18 a 24 anos) por Gênero e Maternidade

	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2011	2012	2013	2014
<b>Total( mil pessoas)</b>	243,4	222,8	226,6	260,1	247,2	252,0	280,1	313,7	308,7	281,0
Mulheres sem Filho	76,2	67,5	76,3	91,5	82,2	92,3	89,7	94,7	114,8	106,8
Mulheres com Filho	111,7	101,6	94,2	95,5	101,7	84,6	102,0	118,6	96,3	94,5
Homens	55,5	53,7	56,1	73,1	63,3	75,1	88,4	100,4	97,6	79,6
<b>Participação Relativa</b>										
Mulheres sem Filho	31,3%	30,3%	33,7%	35,2%	33,3%	36,6%	32,0%	30,2%	37,2%	38,0%
Mulheres com Filho	45,9%	45,6%	41,6%	36,7%	41,1%	33,6%	36,4%	37,8%	31,2%	33,6%
Homens	22,8%	24,1%	24,7%	28,1%	25,6%	29,8%	31,6%	32,0%	31,6%	28,3%

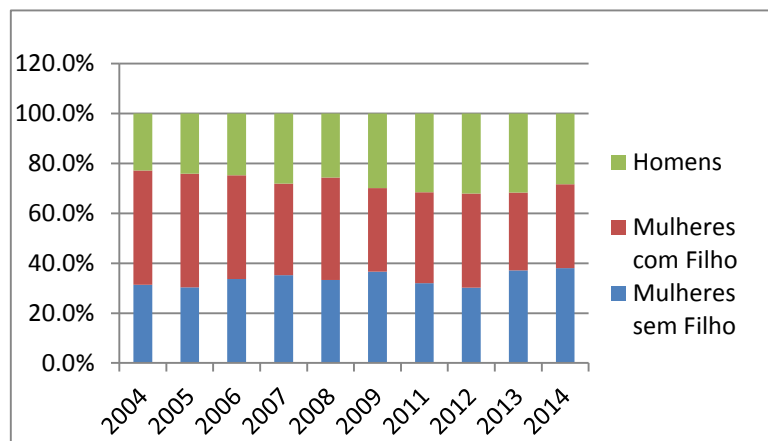
Fonte: Elaboração Própria a partir de dados da PNAD 2004 a 2014

Um dos principais resultados apresentados pelas tabelas 2.3 e 2.4 refere-se ao papel da maternidade sobre inatividade. Percebe-se que as mulheres com filho estão sobre representadas entre os que não participam da PEA e não estudam. Em 2004 as mulheres com filho correspondiam a 15,1% da população jovem e eram 45,9% dos jovens inativos no RJ. Isto confirma o que já foi discutido no capítulo 1: a maternidade afasta as mulheres da escola e do mercado de trabalho. Tal fato aponta para necessidade de creches e maior infraestrutura para que mulheres com filho possam se dedicar também a trabalhos não domésticos.

Cabe mencionar, entretanto, que a parcela de mulheres com filho sobre os inativos está caindo. Enquanto em 2004, ela era de 45,9%, em 2014 foi de 33,6%, ou seja, uma queda de aproximadamente doze pontos percentuais. Isso é fruto por um lado, da menor taxa de

natalidade entre as mulheres. Em 2004, as mulheres com filho eram 278 mil pessoas e representavam 15,1% da população entre 18 e 24 anos, em 2014 eram 223 mil, ou 13,2% população. Por outro lado é consequência do crescimento do contingente de mulheres sem filho e de homens que não estudam e não trabalham. O gráfico 2.3 mostra a evolução da participação das mulheres com filho, mulheres sem filhos e homens sobre a inatividade.

Gráfico 2.3- Participação por Gênero na Inatividade



Fonte: Elaboração Própria a partir da de dados da PNAD 2004 à 2014

Conforme visto pelos resultados da tabela 2.4 e o gráfico 2.3, a totalidade de homens e mulheres que não participam da PEA e não trabalham cresceu no período. Em 2004, os homens eram 899 mil de pessoas e em 2014 822 mil, uma redução de 77 mil pessoas. Por outro lado, o contingente de jovens inativos do sexo masculino cresceu em 24,1 mil pessoas, passando de 55,5 mil em 2004 para 79,6 mil em 2014. O número de mulheres sem filhos manteve-se praticamente constante (2004:664 mil 2014: 642 mil) no mesmo período, entretanto o total das inativas sem filho aumentou em 30,6 mil pessoas (2004: 76,2 mil; 2014: 106,8 mil).

Elaborou-se também um mapeamento dos indivíduos que não estudam e participavam da PEA segundo sua posição no domicílio, de forma a capturar diferenças entre homens, mulheres sem filho e mulheres com filho.

Gráfico 2.4.a- Posição no Domicílio-  
Homens (%)

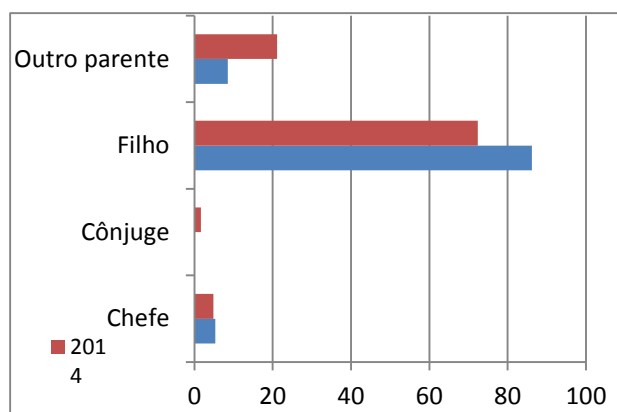


Gráfico 2.2.b Posição no Domicílio-  
Mulheres sem Filhos (%)

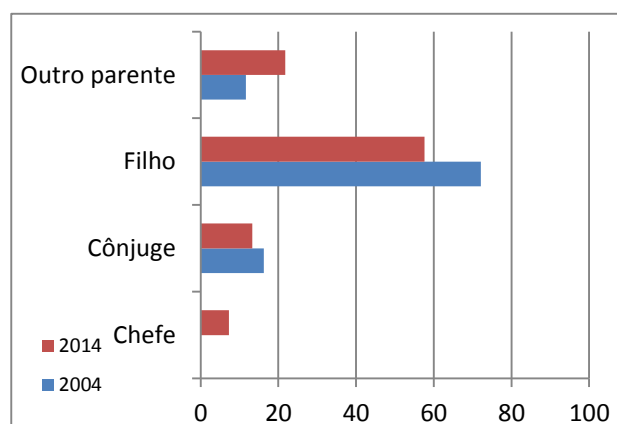
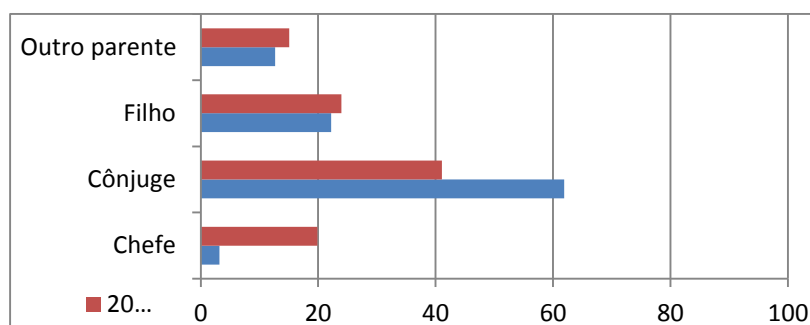


Gráfico 2.4.c- Posição no Domicílio- Mulheres com Filho (%)



Fonte: Elaboração Própria a partir de dados da PNAD 2004 e 2014

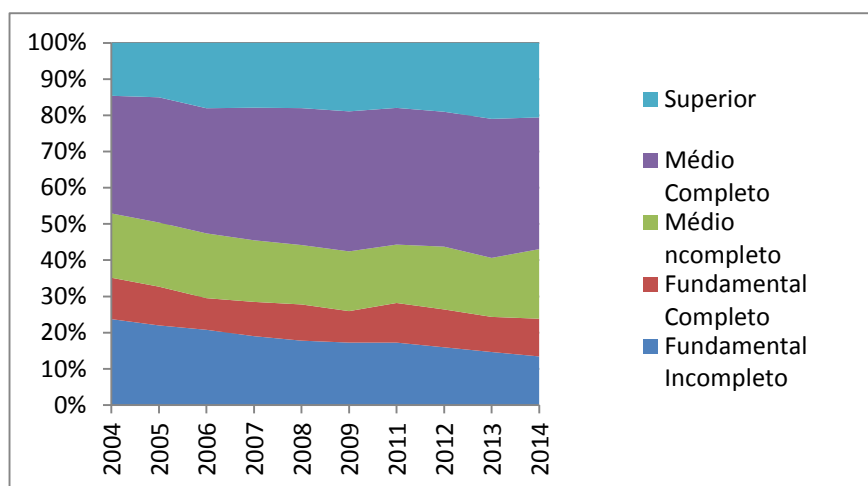
A partir do gráfico 2.4 percebe-se que entre homens e mulheres sem filho que não estudam e não trabalham há uma forte predominância na posição de filho dentro do domicílio tanto no ano de 2004 como em 2014. Contudo, esta categoria perdeu participação durante o período e foi acompanhada da elevação de indivíduos classificados como “outros parentes”. O número de cônjuges entre os homens é irrelevante, e no caso das mulheres sem filho era de aproximadamente 15% nos anos de 2004 e 2014. A participação daqueles que são considerados chefes do domicílio também é muito pequena para ambos os sexos.

Para as mulheres que são mães e inativas a categoria predominante era a de cônjuges, entretanto esta perdeu relevância entre 2004 e 2014. Por outro lado, houve um aumento das que são consideradas chefes do domicílio. Este fato pode indicar o crescimento no número de mães solteiras.

## II.2.2 Escolaridade

No Rio de Janeiro, assim como na maior parte no Brasil, houve um avanço em termos de anos dedicados a estudo, tal como ilustra o gráfico 2.5.

Gráfico 2.5- Evolução Ensino População Jovem no RJ (2004-2014)



Percebe-se entre 2004 e 2014 houve uma queda dos indivíduos que possuíam Ensino Médio Incompleto e Completo, em contrapartida, houve um aumento significativo dos que concluíram o Ensino Médio e ingressaram no Ensino Superior. A título de comparação, em 2004, os indivíduos que possuíam Ensino Fundamental Incompleto equivaliam a 23,5% da população jovem, em 2009 o percentual diminuiu para 17,2% e em 2014 para 13,4%. A participação daqueles que concluíram o Ensino Médio aumentou de 32,5% em 2004 para 38,7% em 2009, reduzindo-se um pouco em 2014 para 36,56%. Os que ingressaram no Ensino Superior correspondiam a 14,6% dos jovens em 2004, passando para 18,9% em 2009 e atingindo 20,6% em 2014.

A tabela 2.5 apresenta resultados do cruzamento de dados de escolaridade e gênero.

Tabela 2.5 – Evolução da População Jovem Total e Inativa por Escolaridade e Gênero

	População Jovem		Participação População Jovem		População Jovem Inativa		Participação População Jovem Inativa	
	2004	2014	2004	2014	2004	2014	2004	2014
<b>TOTAL</b>	1841	1687			243,4	281,0		
Fundamental Incompleto	433,1	225,5	23,5%	13,4%	99,8	62,2	41,0%	22,1%
Fundamental Completo	208,6	174,9	11,3%	10,4%	32,5	38,8	13,3%	13,8%
Médio Incompleto	324,4	322,6	17,6%	19,1%	20,1	32,4	8,3%	11,5%
Médio Completo	593,2	639,4	32,2%	37,9%	82,1	127,6	33,7%	45,4%
Superior	281,8	324,6	15,3%	19,2%	8,9	20,1	3,6%	7,1%
<b>Homem</b>	899	822	48,8%	48,7%	55,5	79,6	22,8%	28,3%
Fundamental Incompleto	244,1	128,9	13,3%	7,6%	24,2	20,7	10,0%	7,4%
Fundamental Completo	106,1	99,8	5,8%	5,9%	5,3	6,5	2,2%	2,3%
Médio Incompleto	166,2	164,5	9,0%	9,8%	4,7	6,5	1,9%	2,3%
Médio Completo	272,4	303,1	14,8%	18,0%	18,9	39,5	7,8%	14,1%
Superior	110,2	125,7	6,0%	7,4%	2,4	6,5	1,0%	2,3%
<b>Mulher s/ Filhos</b>	664	642	36,1%	38,1%	76,2	106,8	31,3%	38,0%
Fundamental Incompleto	74,6	43,4	4,05%	2,6%	17,7	16,2	7,3%	5,8%
Fundamental Completo	54,5	29,8	2,96%	1,8%	6,5	9,7	2,7%	3,5%
Médio Incompleto	123,2	106,9	6,69%	6,3%	5,3	8,4	2,2%	3,0%
Médio Completo	256,5	271,4	13,93%	16,1%	42,5	60,9	17,5%	21,7%
Superior	155,2	190,5	8,43%	11,3%	4,1	11,7	1,7%	4,1%
<b>Mulher c/ Filhos</b>	278	223	15,10%	13,2%	111,7	94,5	45,9%	33,6%
Fundamental Incompleto	114,2	53,2	6,20%	3,2%	57,9	25,3	23,8%	9,0%
Fundamental Completo	47,9	45,4	2,60%	2,7%	20,7	22,7	8,5%	8,1%
Médio Incompleto	34,9	51,2	1,90%	3,0%	10,0	17,5	4,1%	6,2%
Médio Completo	64,5	64,8	3,50%	3,8%	20,7	27,2	8,5%	9,7%
Superior	16,6	8,4	0,90%	0,5%	2,4	1,9	1,0%	0,7%

Fonte: Elaboração Própria a partir da dados da PNAD 2004 à 2014

Nota-se que a despeito do avanço em anos de permanência na escola, houve também um crescimento, em termos absolutos, no número de indivíduos inativos em todos os grupos educacionais, com exceção do Ensino Fundamental Incompleto.

Em 2004, os jovens que possuíam apenas o Ensino Fundamental Incompleto correspondiam a 23,5% da população e a 41% do grupo de indivíduos que não estudam e nem trabalham. Em 2014, eles eram apenas 13,4% dos jovens e 13,8% dos inativos. Na divisão por gênero e maternidade, percebe-se que em todos os grupos houve uma diminuição no número de pessoas com apenas Ensino Fundamental Incompleto. Entre os homens a redução foi de aproximadamente 89,3% ( 2004: 244,1 mil e 2014: 128,9 mil), entre as mulheres sem filho 72,6% (2004: 74,6 mil e 2014: 43,2 mil) e entre as mulheres com filho de 114,6% ( 2004: 114,2 mil e 2014: 53,2 mil).

Por outro lado, o grupo que experimentou o maior crescimento no contingente de jovens que não estudam e não trabalham foi o dos que possuem Ensino Médio Completo. Em 2004, 593,2 mil pessoas haviam completado o ensino Médio, correspondendo a 32,2% dos jovens. Destes 82,1 mil estavam inativos, equivalendo a 33,7% da população “nem nem”. Em 2014 o número de concluintes do ensino médio elevou-se para 639,4 mil pessoas, equivalendo a 37,9% da população entre 18 e 24 anos. O crescimento dos inativos foi superior, em termos relativos, passando para 127,6 mil, ou 45% dos indivíduos “nem nem”.

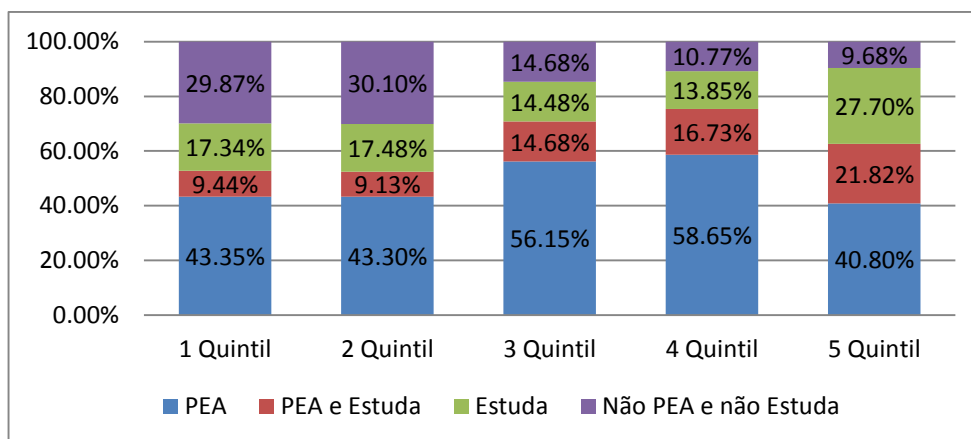
Há indícios de desigualdade de gênero no que tange ao aumento da população de inativos com Ensino Médio Completo. Homens e mulheres sem filho neste grupo possuem participação muito parecida sobre o total de jovens, em torno de 17%. Entretanto, o percentual de mulheres inativas com Ensino Médio Completo é de 21,7%, bem superior aos homens com mesmo nível de escolaridade que é de 14,1%.

Por fim, frequentar o Ensino Superior parece ser o melhor meio de se evitar a inatividade. Em 2014, esse grupo representava 19,2% da população em questão e apenas 7,1% dos “nem nem”. A desigualdade de gênero sobre inatividade ainda existe mesmo entre aqueles que frequentam a faculdade, talvez mais atenuada que a verificada no caso anterior. Em 2014, as mulheres sem filhos que cursaram ensino superior eram 11,7% dos jovens e 4,1% da população que não estudava e não trabalhava. No caso masculino, os percentuais foram de 7,4% e 2,3%, respectivamente.

## II.2.2 Renda

Sabe-se que a menor renda está atrelada a uma maior probabilidade de um indivíduo estar fora da escola e do mercado de trabalho. O gráfico 2.6 confirma este resultado ao mostrar o percentual de jovens, em cada quintil<sup>8</sup> de renda segundo a ocupação exercida.

Gráfico 2.6- Ocupação dos Jovens por Quintil de Renda (2014)



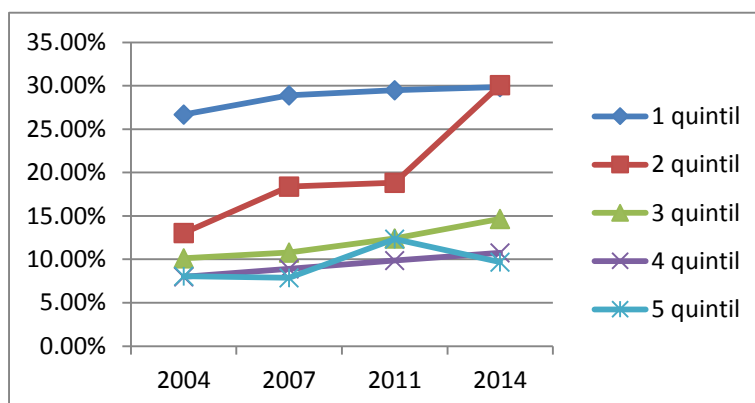
Fonte: Elaboração Própria a partir de dados da PNAD 2014

Percebe-se pelo gráfico acima que à medida que se avança na distribuição de renda dos domicílios, dos mais pobres aos mais ricos, a proporção de jovens inativos diminui. O primeiro e o segundo quintil de renda são aqueles que acumulam o maior percentual de indivíduos que não estudam e não trabalham, com 28,9% e 30,10%, respectivamente. Nos demais quintis a participação dos inativos é bem menor, sendo para todos eles inferior a 15%.

Os jovens que participam apenas da População Economicamente ativa estão concentrados no terceiro e quarto quintis de renda. Nestes eles representam 56,15% e 58,65% dos jovens em seus respectivos quintis de renda. A proporção de pessoas que participam da PEA e estudam também cresce gradativamente quando se avança na distribuição de renda. O quinto quintil é conforme esperado, aquele que possui a maior participação de indivíduos que se dedicam exclusivamente aos estudos. Esta é menor entre o terceiro e quarto quintil de renda.

<sup>8</sup> Os quintis de renda dividem os domicílios em cinco grupos de acordo com sua posição na distribuição de renda no estado. O primeiro quintil abrange os domicílios que estão entre os 20% mais pobres de acordo com a renda domiciliar per capita. O segundo os que estão entre os 20% e 40% mais pobres, o terceiro aqueles que ocupam posição entre os 40% e 60% na distribuição de renda e o quarto entre os 60% e 80%. Por fim, o último quintil corresponde aos 20% dos domicílios mais ricos.

Gráfico 2.7- Evolução no percentual de jovens inativos por quintil de renda



Fonte: Elaboração Própria a partir da dados da PNAD 2004, 2007, 2011 e 2014

O gráfico 2.7 ilustra a evolução dos jovens na condição “nem nem” por quintil de renda. Por ele, percebe-se que o percentual de jovens inativos cresceu, ainda que a taxas pequenas em todos os quintis de renda. O segundo quintil de renda que apresentou o aumento na participação de indivíduos que não trabalham e não estudam entre 2011 e 2014 o percentual saltou de 19% para 30%.

A análise descritiva de dados feita neste capítulo nos permitiu a chegar a resultados interessantes. Primeiramente nota-se que tanto no caso de sexo masculino como feminino o contingente de inativos aumentou, entretanto este aumento foi em parte compensado pela diminuição de mulheres com filhos na mesma situação. No que tange a educação, a elevação do percentual de indivíduos “nem nem” se deu principalmente entre aqueles com Ensino Médio Completo, com destaque para o grupo de mulheres sem filhos que possuem uma maior representação neste grupo. Por fim, percebe-se que o fenômeno dos jovens que não estudam e não trabalham está associado à baixa renda, posto que a maior parcela destes está entre os que vivem nos domicílios 40% mais pobres do estado do RJ,



### III- ANÁLISE ESTATÍSTICA DAS PROBABILIDADES CONDICIONADAS.

Neste capítulo é feita uma análise estatística para mensurar contribuição de diferentes variáveis sociodemográficas sobre a probabilidade de um jovem estar inativo. Embora a análise descritiva apresentada anteriormente seja muito informativa, para compreender melhor as chances dos jovens não estudarem e não trabalharem torna-se necessário uma análise mais sofisticada sobre o perfil dessa população no Estado do RJ. Foi visto, por exemplo, que os jovens que não estudam nem trabalham estão sobre representados entre as mulheres com filhos. No entanto, é preciso levar em consideração o fato de que as mulheres com filhos estão, em geral, sobre representadas na inatividade e, em particular, nas famílias mais pobres.

A ideia nesse capítulo é explorar uma análise em que consideramos todas as variáveis relevantes para estimar as chances dos jovens estarem na condição de não estudar e não trabalhar. Com base nos dados da PNAD, serão selecionados primeiramente indivíduos com características semelhantes – por exemplo, com a mesma escolaridade, renda domiciliar per capita e estado civil – considerando que a única diferença entre estes indivíduos é que alguns serão homens, outros serão mulheres. Em segundo lugar, poderemos calcular de modo mais preciso se este atributo – ser do sexo masculino ou feminino – está mais ou menos associado ao fato do jovem estar na condição de não trabalhar e não estudar. Assim sendo, serão selecionados indivíduos parecidos para verificar se a probabilidade de que eles não estudem nem trabalhem varia com o gênero, mantendo tudo o mais constante.

Esta análise será aplicada para outras características socioeconômicas, de tal forma a estimar as correlações entre a probabilidade de observar um jovem não estudar nem trabalhar e um determinado atributo socioeconômico, condicional aos demais.

#### III. 1 Estratégia Empírica

Optou-se pela utilização de um modelo *logit* para estudar as características que afetam a probabilidade ( $P_i$ ) de um jovem não trabalhar e não estudar condicionadas a determinadas características socioeconômicas, que pode ser descrito pelas equações abaixo:

$$P_i = E(Y_i = 1|X_i) ; 0 \leq P_i \leq 1 \quad (3.1)$$

$$P_i = E(Y_i|X_i) = \frac{1}{1+e^{-(\alpha+\beta X_i)}} \quad (3.2)$$

Em que Y representa a variável de identificação da condição do jovem que assume o valor 1 caso ele esteja inativo e 0, caso contrário. X é um vetor de características sociodemográficas observáveis (indicativas de gênero, escolaridade, renda, etc) que são consideradas relevantes para explicar a condição de não trabalhar e não estudar. Por fim,  $\alpha$  e  $\beta$  são os parâmetros estimados. Para fins de simplificação, pode-se escrever a equação (3.2) da seguinte forma:

$$P_i = \frac{1}{1+e^{-Z_i}} = \frac{e^Z}{1+e^Z} \quad (3.3)$$

$$Z = \alpha + \beta X_i + \varepsilon_i ; -\infty < Z < +\infty. \quad (3.4)$$

Em que  $\varepsilon_i$  é o resíduo do modelo

Linearizando a equação (3.3) obtemos:

$$L_i = \ln\left(\frac{P_i}{1-P_i}\right) = \alpha + \beta X_i + \varepsilon_i \quad (3.5); -\infty < L_i < +\infty \quad (3.5)$$

$L_i$  corresponde ao *logit*

Os parâmetros das variáveis explicativas ( $\beta$ ) na equação (3.5) são estimados através do Método da Máxima Verossimilhança e podem ser interpretados da maneira usual: mostram o quanto o *logit* do evento favorável, neste caso do indivíduo estar inativo, varia em virtude do aumento em uma unidade de uma variável explicativa, tudo mais constante. Entretanto, para uma interpretação mais casual, em termos de chances do evento favorável ocorrer, é necessário tomar o antilogaritmo dos coeficientes angulares.

Desagregando a equação (3.5) obtém-se a equação geral do modelo a ser estimado:

$$Z_i = \alpha + \beta_1 idade + \beta_2 homem + \beta_3 negro + \beta_4 educa_{fund} + \beta_5 educa_{medin} + \beta_7 educa_{medcomp} + \beta_7 educa_{sup} + \beta_8 pos_{filho} + \beta_9 pos_{conj} + \beta_{10} pos_{outros} + \beta_{11} dom_{pobre} + \beta_{12} pensao + 3 outras rendas + \varepsilon_i \quad (3.6)$$

Em que  $Z_i$  é o logaritmo correlacionado a ocorrência do evento favorável, isto é, do jovem não trabalhar e não estudar. A tabela 3.1 descreve as variáveis endógenas do modelo.

Tabela 3.1- Descrição das Variáveis Endógenas

VARIÁVEL	NOME	TIPO	DESCRIÇÃO
Idade	Idade	Continua	0 a 24 anos
Homem	Homem	Dummy	0-mulher (base) 1-homem
Negro	Pardo ou Negro	Dummy	0- brancos 1- pardos ou negros
	<b>Educação:</b>	Dummy	0-fundamental incompleto (base)
Educa <sub>fund</sub>	Fundamental Completo		1- fundamental completo
Educa <sub>medin</sub>	Médio Incompleto		2-médio incompleto
Educa <sub>medcomp</sub>	Médio Completo		3-médio completo
Educa <sub>sup</sub>	Superior		4-superior
Pos <sub>filho</sub>	<b>Posição no Domicílio</b>	Dummy	0-chefe (base)
Pos <sub>conj</sub>	Filho		1-filho
Pos <sub>soutros</sub>	Cônjuge		2-cônjuge
	Outros		3-outros
Dom <sub>pobre</sub>	Domicílio Pobre	Dummy	0- domicílios não pobres (base) 1-domicílios pobres (40% mais pobres)
Pensão	Pensão, Aposentadoria e Doações.	Dummy	0-não (base) 1-sim
Outras rendas	Pagamento de juros e de Programas de Transferência de Renda	Dummy	0-não (base) 1-sim

Fonte: Elaboração Própria

Apesar de o modelo conter variáveis que são apontadas na literatura como importantes condicionantes do status de não trabalhar e não estudar há ressalvas que devem ser feitas. Por exemplo, ele não leva em conta se o domicílio se localiza nos centros urbanos ou na periferia. Em geral domicílios localizados na periferia são mais pobres, e também mais distantes dos postos de trabalho e das escolas. Ao se omitir a localização do domicílio, é possível que a variável que indica se o jovem mora em um domicílio pobre esteja capturando efeitos da localização da moradia, gerando um viés da variável omitida.

### III. 2- Resultados

Com intuito de acompanhar a evolução e o impacto de diferentes determinantes que afetam inatividade são feitas regressões a partir da base de dados da PNAD 2004 e 2014. Restringiu-se a amostra apenas para o Estado do RJ e para indivíduos entre 18 e 24 anos. Tendo em vista o perfil distinto entre homens e mulheres que não estudam e não trabalham, rodaram-se três regressões para cada ano considerado. Uma para os jovens como um todo (1ª coluna), outra apenas para homens (2ª coluna) e a última considerando apenas as mulheres (3ª coluna). A amostra em 2004 conteve 3.105 observações, das quais 1.519 composta por indivíduos do sexo masculino e 1.586 do feminino. Em 2014 o tamanho da amostra foi de 2,604, dos quais 1.269 homens e 1.335 mulheres.

Tabela 3.2- Modelo logit para determinação da inatividade dos jovens (2004)

Variáveis	(1) Todos	(2) Homens	(3) Mulheres
Idade	0.00315 (0.0305)	-0.0180 (0.0579)	-0.0408 (0.0372)
Homem	-1.066*** (0.144)		
Pardo ou Negro	0.0848 (0.119)	-0.434* (0.226)	0.311** (0.145)
Fundamental Completo	-0.546*** (0.186)	-0.628 (0.390)	-0.458** (0.221)
Médio Incompleto	-1.434*** (0.210)	-1.368*** (0.420)	-1.333*** (0.248)
Médio Completo	-0.401*** (0.153)	-0.298 (0.285)	-0.234 (0.191)
Superior	-1.945*** (0.298)	-1.558*** (0.583)	-1.790*** (0.347)
Filho	1.062*** (0.316)	1.498*** (0.484)	1.013** (0.443)
Cônjuge	2.073*** (0.335)		1.587*** (0.446)
Outros	1.087*** (0.347)	0.901 (0.600)	1.175** (0.472)
Domicílio Pobre	0.656*** (0.129)	0.782*** (0.245)	0.425*** (0.161)
Aposentadoria ou Pensões	0.261 (0.284)	1.390** (0.562)	-0.339 (0.315)
Outras Rendas	0.440 (0.606)	0.963 (1.266)	0.209 (0.621)
Mulher com Filho			1.106*** (0.180)
Constante	-2.539*** (0.760)	-3.417** (1.442)	-1.967** (0.894)

Observações	3,116	1,524	1,591
Fonte: Elaboração própria com base nos microdados da PNAD 2004			

Erros padrões robustos entre parênteses. \*\*\*, \*\*, \* representam nível de significância de 1%, 5% e 10

Tabela 3.3- Modelo logit para determinação da inatividade dos jovens (2014)

Variáveis	(1) Todos	(2) Homens	(3) Mulheres
Idade	-0.0881*** (0.0316)	-0.175*** (0.0587)	-0.0705* (0.0406)
Homem	-1.055*** (0.129)		
Pardo ou Negro	-0.0872 (0.117)	0.0593 (0.207)	-0.180 (0.149)
Fundamental Completo	-0.220 (0.196)	-1.137*** (0.420)	0.0492 (0.271)
Médio Incompleto	-1.318*** (0.206)	-1.792*** (0.393)	-1.175*** (0.255)
Médio Completo	-0.224 (0.164)	-0.0270 (0.253)	-0.225 (0.222)
Superior	-1.492*** (0.250)	-0.908** (0.408)	-1.479*** (0.321)
Filho	-0.245 (0.189)	1.026** (0.422)	-0.569** (0.259)
Cônjuge	0.366* (0.218)	0.534 (0.855)	-0.0926 (0.265)
Outros	0.272 (0.215)	1.299*** (0.462)	0.0532 (0.291)
Domicílio Pobre	0.761*** (0.119)	0.505** (0.209)	0.767*** (0.154)
Aposentadoria ou Pensões	0.792*** (0.283)	1.759*** (0.500)	0.328 (0.347)
Outras Rendas	-0.0443 (0.241)	0.385 (0.938)	-0.497* (0.263)
Mulher com Filho			0.796*** (0.188)
Constante	0.888 (0.734)	0.568 (1.383)	0.604 (0.925)
Observações	2,604	1,269	1,335

Fonte: Elaboração própria com base nos microdados da PNAD 2014

Erros padrões robustos entre parênteses. \*\*\*, \*\*, \* representam nível de significância de 1%, 5% e 10%

### III.3- Discussão dos Resultados

Analisando os resultados das regressões para os anos de 2004 e 2014, percebe-se que ao longo destes dez anos os fatores que possuem alta influência sobre inatividade entre os jovens são basicamente os mesmos que já foram discutidos nos capítulos anteriores: baixa escolaridade e renda, além da predominância entre as mulheres e mães. Entretanto, uma observação mais atenta mostra que a contribuição destes fatores se alterou ao longo do tempo, conforme será discutido a seguir.

A primeira variável a ser analisada é a idade. Conforme esperado, à medida que a idade avança diminui a probabilidade de uma pessoa estar fora da escola e do mercado de trabalho. Em 2004, o coeficiente da variável idade apesar de negativo na divisão por sexo não foi estatisticamente significativo para os homens ou mulheres, e, portanto não foi relevante para explicar a inatividade. Uma possível razão para isso é porque o grupo em questão está restrito a um pequeno intervalo de idade (18 a 24 anos). Em 2014, os coeficientes são negativos estatisticamente significativos tanto para homens quanto para mulheres ao nível de significância de 1% e 10%, respectivamente. A magnitude do coeficiente de idade é maior para homens do que para as mulheres, o que indica a maior probabilidade deles a se inserir no mercado de trabalho conforme a idade avança.

A cor/raça, segunda variável explicitada, apresentou resultados opostos para homens e mulheres em 2004. Enquanto, indivíduos do sexo masculino negros ou pardos tinham menor probabilidade de estarem inativos que os brancos, para o sexo feminino o resultado foi o posto. Em 2014, os coeficientes ligados à cor não foram estatisticamente significativos em nenhuma regressão, não estando, portanto de acordo com a literatura estudada que aponta a predominância de negros ou pardos entre os que não trabalham e não estudam;

O sexo é um elemento muito relevante para explicar a inatividade entre os jovens. Em ambos os anos analisados, o coeficiente da variável homem foi negativo e estatisticamente significativa com 99% de confiança. Em 2004, o valor deste coeficiente foi de -1,066 e em 2014 diminui, em valor absoluto, para -1,055. Apesar de a mudança ter sido sutil, pode indicar que o diferencial entre os sexos sobre a inatividade está diminuindo ao longo tempo. Isto pode ser fruto da combinação de dois fatores: de uma maior presença das mulheres na escola e no mercado de trabalho ou da maior taxa de inatividade entre os homens.

Quanto à questão da posição no domicílio nota-se que em 2004 homens e mulheres no status de filho tinham maiores chances de não estarem estudando ou trabalhando, quando comparado à categoria base de chefes de domicílio. Para as mulheres ocupar a posição de cônjuge ampliava ainda mais a probabilidade dela estar inativa. Em 2014, os resultados da regressão foram peculiares. Ocupar a posição de filho ampliava a probabilidade dos homens serem inativos e diminuía a das mulheres. Por outro lado, a posição de cônjuge não foi relevante para explicar a inatividade para homens ou mulheres.

No caso específico do sexo feminino, cabe citar a questão da maternidade. O coeficiente desta variável foi positivo e significativo ao nível de 1% nos dois anos considerados. Entretanto, ao observar o valor do coeficiente percebe-se que ele caiu consideravelmente em dez anos, o que parece indicar mudanças importantes na trajetória das mulheres à maturidade, com adiamento da maternidade, e maior inserção no mercado de trabalho.

Dentre às características individuais, à maior escolaridade também diminui as chances de um indivíduo pertencer ao grupo dos “nem nem”. Como pode ser visto todos coeficientes ligados à educação (Ensino Fundamental Completo, Ensino Médio Incompleto e Completo e Ensino Superior) são negativos, indicando a menor probabilidade do indivíduo estar fora da escola e do mercado de trabalho quando comparado ao grupo base (Fundamental Incompleto). Em 2004, considerando os resultados da primeira coluna, todos os coeficientes que representam níveis adicionais de estudo são negativos e estatisticamente significativos ao nível de 1%. A título de exemplificação, uma pessoa com Ensino Superior, neste ano, tinha em média sete vezes menos chances de estar fora da escola e do mercado de trabalho do que alguém que não completou o Ensino Fundamental, mantido os demais fatores constantes.

Em 2014, os coeficientes do Ensino Médio Incompleto e Ensino Superior foram estatisticamente significativos, enquanto o do Fundamental Completo e Médio Completo não foram. Um resultado interessante para este ano é visto comparando os coeficientes dos níveis educacionais entre homens e mulheres. O coeficiente do Ensino Fundamental Completo é estatisticamente significativo para os jovens do sexo masculino, entretanto para não é para mulheres. Por outro lado, a magnitude do coeficiente do Ensino Superior é bem maior para mulheres (-1,492) do que para os homens (-0,908). Este fato sugere que o maior nível de escolaridade é mais relevante no caso das mulheres a fim de explicar a redução da inatividade. Novamente, este fenômeno pode estar ocorrendo em razão de diferentes combinações de fatores

como a maior permanência das mulheres na escola ou de uma maior valorização por parte do mercado de trabalho por mulheres mais educadas.

No contexto domiciliar, a menor renda per capita está associada a maior probabilidade do jovem estar inativo, apresentando coeficientes positivos e significativos tanto em 2004 quanto em 2014. Em ambos os anos um indivíduo morador de domicílio pertencente aos 40% na mais pobre na distribuição de renda tinha, aproximadamente, o dobre de chances de ocupar o status de “nem nem”, tudo mais constante. Tal resultado insinua que o efeito da renda parece não ter se alterado muito ao longo do período em questão. Cabe mencionar também, que a baixa renda está altamente correlacionada com a baixa escolaridade. Em geral, indivíduos de famílias mais pobres tendem por questões de necessidades financeiras e culturais, a permanecer menos tempo na escola. Assim sendo, é possível que as variáveis indicativas da renda no modelo, estejam capturando efeitos relativos à escolaridade também.

O recebimento de pensões, aposentadorias ou doações de não moradores não foi relevante para explicar a inatividade dos indivíduos em 2004, contudo em 2014 o foi. Neste último ano, o recebimento destas rendas aumentava a probabilidade do indivíduo não estar estudando ou trabalhando. Por sua vez, a existência de rendas fruto de pagamento de juros ou programas sociais não apresentou coeficiente estaticamente significativo em 2004. Em 2014, apesar dos coeficientes não terem sido significativos, eles indicaram trajetória distintas entre homens e mulheres. O recebimento de outras rendas aumenta a probabilidade do jovem do sexo masculino não trabalhar e não estudar, enquanto diminui a das jovens do sexo feminino.

De forma geral, como dito no início desta seção, os resultados do modelo corroboram a literatura existente acerca dos determinantes da inatividade entre os jovens. Portanto, o principal mérito da análise aqui feita foi poder distinguir os efeitos marginais das diferentes variáveis explicativas da inatividade entre homens e mulheres, e acompanhar a evolução destas em um período de dez anos.



## CONCLUSÃO

Este trabalho explorou um assunto relativamente novo na literatura: o fenômeno dos jovens que não estudam e não trabalham. Procurou-se identificar os fatores individuais e familiares que afetam a condição de não estudar e não trabalhar no Brasil. Para tal, apresentou-se discussões teóricas de autores nacionais que investigaram o fenômeno nas últimas décadas no país. De forma geral eles concluíram que inatividade está correlacionada com a baixa escolaridade e renda, além de ser predominante entre mulheres e mães.

Em seguida, com intuito de examinar como perfil dos indivíduos inativos modificou-se em um período de dez anos (2004-2014), fez-se uma análise descritiva de dados a partir das PNADs do período. Delimitou-se os dados para Estado do RJ e para indivíduos entre 18 e 24 anos. Observou-se que a inatividade cresceu no período entre as mulheres sem filho e homens, enquanto decresceu entre as mães. No aspecto escolar, embora tenha havido uma evolução nos anos frequentados a escola, houve também um aumento no contingente de jovens que não estudam e não trabalham em todos os grupos educacionais, com exceção do Ensino Fundamental Incompleto. Em relação a renda, observou-se que durante o período considerado, percentual de inatividade era especialmente alto entre os jovens que viviam nos domicílios que pertenciam ao primeiro e segundo quintis de renda, ou seja, os mais pobres na distribuição de renda.

Por fim, utilizou-se um modelo *logit* para mensurar os efeitos individuais dos diferentes fatores individuais e familiares já citados anteriormente como gênero, maternidade, escolaridade e renda sobre a probabilidade de não trabalhar e não estudar nos anos de 2004 e 2014. Os resultados foram consistentes com a discussão bibliográfica e análise empírica realizadas anteriormente. A menor probabilidade do homem estar inativo quando comparado às mulheres é visto pelo coeficiente negativo e significativo desta variável. Por sua vez, a maternidade possui coeficiente positivo e significativo, mas que diminuiu em magnitude entre os anos de 2004 e 2014, indicando que esta tem perdido importância para explicar a inatividade. Os anos adicionais de estudo e o maior nível de renda também estão associados a menor probabilidade de estar fora da escola e do mercado de trabalho, apresentando coeficientes negativos em ambos anos considerados.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARANO, A; KANSO, S; MELLO, J; ANDRADE, A. Estão fazendo a transição os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho? *In: CAMARANO, SA. A. (Org.). Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: Ipea, 2006. p. 259-290. Disponível em: < <http://goo.gl/ugfdEk> > Acesso em 14 de Nov. de 2015

CAMARANO, A; KANSOS; MELO J; KANSOS, S: Do nascimento à morte: principais transições. *In: CAMARANO, SA. A. (Org.). Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: Ipea, 2006. p. 259-290. Disponível em: < <http://goo.gl/ugfdEk> > Acesso: 14 de Nov. de 2015 pp.31-60. Disponível em: < <http://goo.gl/bS9c8h> > Acesso em 14 nov. de 2015

CAMARANO, A. A.; KANSO, S. O que estão fazendo os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho? Boletim de mercado de trabalho: conjuntura e análise, Ipea, n. 53. Rio de Janeiro, nov. de 2012. Disponível em: < <http://goo.gl/wfQfmB> > Acesso em: 22 de nov. de 2015

CARDOSO, Adalberto. Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação. Cad. CRH, v.26, n.68, pp. 293-214. Salvador, ago. 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792013000200006>>. Acesso em 10 out de 2015

CARSILLO S. et al. Youth in the Aftermath of the Crisis: Challenges and Policies. OECD, Social, Employment and Migration Working Papers n.. 164. Paris, fev. 2015. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1787/5js6363503f6-en> > Acesso em: 15 out 2015

COSTA, J; ULYSSEA G. O fenômeno dos jovens nem nem. *In: CURSEIUL, C; BOTELHO, R (Org). Desafio a trajetória profissional do jovem brasileiro.* Brasília: IPEA, 2014 pp. 115-137 Disponível em: <<http://goo.gl/j6VJQB> > Acesso: 04 de dez. de 2015.

EUROFOUND. NEETs Young People Not Employment, education or training: Characteristics, costs and policy responses on Europe. *Publications Office of The European Union.* Luxemburgo, Oct. 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/Ep0c1D> > Acesso em 2 out de 2015

GUJARATI, D. N.; PORTER, D. C. Econometria básica. 5. ed. Porto Alegre: AMGH, 2011 pp.550-562,

FIORI, P. Desemprego dos jovens no brasil. Revista da ABET, 5(1), 30-60. Paraíba. 2005. Disponível em:< <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/abet/article/view/15665/8943>> Acesso em 20 de novembro de 2015.

IBGE. Banco de Dados Agregados. Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Pesquisa Básica – 2004 a 2014. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/pnad/pnadpb.asp> Acesso em: 10 de dez. de 2015.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de domicílio 2004 à 2014 – documentação dos microdados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, dez. 2015. Disponível em: <<http://goo.gl/1OISH4>> Acesso em: 10 de dez. de 2015

IBGE, Síntese dos Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira, n 35, IBGE, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://goo.gl/5h7dke>>Acesso: 2 de dezembro de 2015.

KUBRUSKLY, Lucia. Mulheres e Homens no Mercado de Trabalho Brasileiro. Texto para Discussão, n.18. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://goo.gl/npQtNB>>. Acesso: 02 de nov. de 2015.

MONTEIRO, J. Quem são os jovens nem-nem? Uma análise sobre os jovens que não estudam e não participam do mercado de trabalho. FGV/IBRE, Texto para Discussão n. 34. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em:

MENEZES FILHO, N. A.; CABANAS, P. H. F.; KOMATSU, B. K. A condição“nem-nem” dos jovens é permanente? Centro de Políticas Públicas/Insper, Insper Policy Paper, n. 7. São Paulo, ago. 2013 Disponível em:< <http://goo.gl/PE07V1>> Acesso em 15 de novembro de 2015

OECD. Youth not in education or employment (NEET) (indicator). Disponível em: <<https://goo.gl/K17MiG>> Acesso em 21 de out. de 2015. OECD, Youth unemployment rate (indicator). Disponível em: <<https://goo.gl/PujXCo>> Acesso em 21 de out de 2015.

QUINTINI, G; MARTIN, J.P; MARTINS S. The Changing Nature of the School-to-Work Transition Process in OECD Countries. IZA DP No. 2582. Alemanha, jan 2007. Disponível em: <http://repec.iza.org/dp2582.pdf> Acesso em 20 out 22015

ROBSON, K. Becoming NEET in Europe: A Comparison of Predictors and Later-Life Outcomes Paper presented at the Global Network on Inequality Mini-Conference on February 22, 2008 in New York City. Disponível em: <<https://goo.gl/lpKMBv>> Acesso em 02 de nov. de 2015.

SOCIAL EXCLUSION UNIT. Bridging the gap :new opportunities for 16-18 year olds not in education, employment or training. Stationery Office Books. Londres, julho de 1999. Disponível em: < <http://dera.ioe.ac.uk/15119/2/bridging-the-gap.pdf>> Acesso em 30 set. de 2015.

TILMANN, E; COMIM F. Fatores da determinação do tempo entre trabalhar e estudar dos jovens no Brasil. Texto para Discussão n. 16 Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/ppge/pcientifica/2014\\_16.pdf](http://www.ufrgs.br/ppge/pcientifica/2014_16.pdf) Acesso: 30 de nov. de 2015.

## ANEXO

Tabela 1- Resumo das Variáveis (2004)

Variável	Obs	Média	Erro padrão
Nem_nem	3116	.1322208	.338785
Idade	3116	2.104.108	2.008.549
Homem	3116	.4894095	.4999681
Pardo ou negro	3116	.4370988	.4961073
Educa fundamental incompleto	3116	.2352375	.4242152
Educa fundamental completo	3116	.1132863	.3169933
Educa médio incompleto	3116	.1761874	.3810407
Educa médio completo	3116	.322208	.4673972
Educa superior	3116	.1530809	.3601232
Pos. Chefe	3116	.0834403	.276591
Pos. Cônjuge	3116	.1132863	.3169933
Pos. Filho	3116	.6813222	.4660386
Pos. Outros	3116	.1219512	.327282
Domicilio pobre	3116	.3973042	.4894185
Pensão	3116	.0410783	.1985032
outras rendas	3116	.0099487	.0992615
mulher com filho	1591	.2954117	.456371

Fonte: Elaboração própria a partir de microdados da PNAD 2004

Tabela 2- Resumo das Variáveis (2014)

Variável	Obs	Média	Erro padrão
nem_nem	2604	.1666667	.3727496
Idade	2604	2.093.241	2.002.122
Homem	2604	.4873272	.4999354
Pardo ou negro	2604	.5426267	.4982753
Educa fundamental incompleto	2604	.1336406	.3403311
Educa fundamental completo	2604	.1036866	.3049122
Educa médio incompleto	2604	.1912442	.3933565
Educa médio completo	2604	.3790323	.4852393
Educa superior	2604	.1923963	.3942584
Pos. chefe	2604	.1063748	.308376
Pos. cônjuge	2604	.1075269	.3098414
Pos. filho	2604	.6340246	.4817951
Pos. outros	2604	.1520737	.3591613
Domicilio pobre	2604	.4024578	.4904874
Pensão	2604	.0349462	.1836789
outras rendas	2604	.0403226	.1967525
mulher com filho	1335	.2576779	.4375196

Fonte: Elaboração própria a partir de microdados da PNAD 2014